



EMPODERAMENTO FEMININO NA VELHICE: EXPERIÊNCIAS DE SER E CONVIVER

FEMALE EMPOWERMENT IN OLD AGE: EXPERIENCES OF BEING AND LIVING TOGETHER

Adriana Bragagnolo - Doutora em Educação - Universidade de Passo Fundo -
abragagnolo@upf.br

Lisiane Ligia Mella - Doutoranda em Educação - Universidade de Passo Fundo -
lisiane.mella@upf.br

Roberta Aparecida Borges Brito Dalpaz - Graduada em Secretariado Executivo Bilingue -
Universidade de Passo Fundo - robertadalpaz@upf.br

RESUMO

O presente artigo evidencia uma experiência extensionista junto a mulheres idosas através de uma oficina de saúde mental realizada no Centro de Referência e Atenção ao Idoso da Universidade de Passo Fundo - UPF. Através de metodologia dialógica, coletiva e participativa, as narrativas das histórias de vida das mulheres participantes são evidenciadas, buscando destacar a ressignificação de seus contextos meio a sociedade em que se inserem. Através de autores como Simone de Beauvoir, Mirian Goldenberg, Paulo Freire e Michel Maffesoli, o artigo contribui com reflexões acerca de uma extensão universitária crítica que inclui um olhar sensível aos processos construídos junto às mulheres idosas. Permeadas por histórias de opressão, restrições e silêncio, as mulheres encontram no espaço da oficina a possibilidade de falar de si, escutar e exercitarem-se em um processo livre de reflexão, instituindo o cuidado e o respeito pelas vivências compartilhadas. Por meio deste processo, percebemos os aprendizados vivos e em movimento, que fortalecem e emancipam para a tomada de decisão, para escolhas e caminhos, uma potência extensionista para o empoderamento da pessoa idosa.

Palavras-chave: Extensão universitária. Empoderamento feminino. Velhice.

ABSTRACT

This article shows an extension experience with elderly women through a mental health workshop held at the Center of Reference and Elderly Care of the Universidade de Passo Fundo - UPF. Through dialogical, collective and participatory methodology, the narratives of the life stories of the participating women are highlighted, seeking to contrast the resignification of their contexts within the society in which they introduces themselves. Through authors such as Simone de Beauvoir, Mirian Goldenberg, Paulo Freire e Michel Maffesoli, the article contributes to reflections on a critical university extension that includes a sensitive look at the processes built with elderly women. Pervaded by stories of oppression, restraint and silence, women find in the workshop space the possibility of talking about themselves, listening and exercising themselves in a process free of reflection, instituting the care and the respect for shared experiences. Through this process, we realize the living and moving learning, which fortify and emancipate for decision making, choices and paths, an extensionist power for the empowerment of the elderly.

Keywords: University extension. Female empowerment. Elderly.

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Quando atravessada pelos caminhos da extensão universitária, a trajetória acadêmica possibilita com que a realidade social possa ser, através de olhos críticos e sensíveis, significada em suas múltiplas dimensões, através dos sujeitos que vão tecendo suas narrativas nos mais diversos territórios que lhe interceptam e demarcam o seu fazer e o seu existir.

Buscando evidenciar o significado da realidade de mulheres idosas pelo ato de narrar a própria história, o presente estudo destaca a participação de um grupo de idosas em uma oficina de saúde mental que ocorre de forma quinzenal, no Centro de Referência e Atenção ao Idoso da Universidade de Passo Fundo - CREATI UPF. Através da construção de narrativas vivas, o estudo evidencia os aportes teórico-metodológicos que sustentam a oficina e a prática extensionista de construção do conhecimento junto às mulheres, a fim de contribuir com reflexões para pensar uma universidade comprometida com a realidade social e com o público idoso.

Considerando a concepção dialógica do fazer extensionista, em que a universidade deve se comunicar de forma permanente com os diversos saberes e sujeitos sociais, o “fazer-com” revela-se como um elemento fundamental da oficina e do processo de construção de narrativas, afastando-se da unidirecionalidade do conhecimento universitário relacionado ao ato de “fazer-para”, que ainda permeia a lógica universitária.

Santos (2010) já alerta que, ao especializar-se no conhecimento científico e ao considerá-lo como único conhecimento válido, a universidade contribui para a desqualificação de conhecimentos pertencentes a grupos sociais que não chegam – e não chegarão – ao contexto universitário.

Acreditamos, assim, que processos construídos coletivamente traduzem a essência do potencial plural e transcendente em que os laços sociais e as relações são compreendidos, sendo fundamental a percepção de que “o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está *no* mundo, mas *com* o mundo. Estar *com* o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é” (FREIRE, 1967, p. 39).

Para tanto, esse estudo aborda a experiência construída por meio da oficina realizada há

quatro anos junto a mulheres idosas e as transformações pessoais permeadas pelo social e cultural ocorrido a partir das narrativas das histórias de vida de cada mulher, suas imersões e reflexões. Com o apoio da literatura, de poemas e de histórias, as mulheres, juntas, constroem novos itinerários de vida, ressignificando conceitos e práticas cotidianas.

CONTRIBUIÇÕES EXTENSIONISTAS ÀS MULHERES IDOSAS: DE QUE EXTENSÃO FALAMOS?

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

Partindo da contribuição de Simone de Beauvoir (1967) para pensar o lugar de existência da mulher na sociedade, iniciamos um caminho de reconhecimento desse lugar, alicerçado em uma civilização que possui como herança um pesado passado. A autora, no segundo volume da obra *O segundo Sexo*, salienta que este passado é marcado por uma tradição que condiciona a mulher a ser educada por mulheres que têm no casamento e na subordinação ao homem seu destino, demarcando uma infância de menina reprimida e mutilada.

Assentada em ocupações das mais variadas, a já adolescente sonha com sua futura passividade, cuja conquista revela-se através do ato de casar-se e adquirir sua dignidade social integral através do marido, e por vezes, de um protetor. Tal como revela a autora, “ela se libertará do lar paterno, do domínio materno e abrirá o futuro para si, não através de uma conquista ativa e sim entregando-se, passiva e dócil, nas mãos de um novo senhor” (BEAUVIOR, 1967, p. 67).

Nesse sentido, pensar a atenção à mulher idosa é também atentar-se a uma perspectiva sócio histórica que a significa através de sua relação com o mundo social e cultural, através das condições históricas produzidas pela humanidade. Considerar a dimensão cultural e histórica é, para tanto, compreender a forma com que as mulheres vão se significando a partir de uma cultura fundamentalmente patriarcal, tal como salienta Beauvoir (1967).

Ao falarmos em subjetividade, trazemos a compreensão de Bock, Gonçalves e Furtado (2007), que a descrevem como uma construção no nível individual do mundo simbólico, que é social. Sendo assim, perceber a mulher como uma produção social implica em não somente retirá-la do campo abstrato e idealista e materializá-la na dialética indivíduo/sociedade, mas considera-la como elemento constituinte dos fenômenos sociais e históricos.

Ao partirmos dessa compreensão, partimos também de uma condição de aprendizes que reconhecem a potente visão de mundo das mulheres idosas, através de sua singularidade e de como vão significando os acontecimentos vividos, sentidos e experienciados, ressignificando-se ao narrar a sua história, constituída pela trama dos fenômenos sociais e culturais. Ao descortinarem suas narrativas, portanto, revelam suas lutas, suas resistências e o seu “tornar-se mulher” com, pelo e no grupo.

Com relação à velhice e sua compreensão histórica e cultural, Beauvoir (1990), salienta que não há uma realidade definida. A velhice pode ser considerada pela interdependência entre o fenômeno biológico, psicológico e, como todas as situações humanas, pela dimensão existencial, que modifica a relação do sujeito com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história. No entanto, o estatuto da velhice, como em qualquer idade, é imposto pela sociedade à qual pertence, sendo o destino dos velhos vivido de maneira variável segundo o contexto social.

A autora refere que, através de uma visão gerontológica, a velhice pode ser compreendida como um processo progressivo de mudança desfavorável. Contudo, ao questionar o significado da palavra “desfavorável”, Beauvoir (1990) considera que não há progresso ou regressão a não ser em relação a um objetivo visado. Para tanto, quais são, de fato, os objetivos culturalmente visados?

Em qualquer que seja o contexto, permanecem os dados biológicos: a velhice acarreta uma degradação que o velho teme, contradizendo o ideal viril ou feminino adotado pelos jovens e pelos adultos. A sociedade exalta o vigor e a fecundidade, ligados à juventude, temendo o desgaste e a esterilidade da velhice. Nesse sentido, “a atitude espontânea é a de recusá-la, uma vez que se define pela impotência, pela feiúra, pela doença” (BEAUVOIR, 1990, p. 51).

No entanto, a autora também salienta que, tratando-se de sujeitos de carne e osso que estabelecem relações reais na sociedade, a tradição oral permite conceber o idoso como um depositário da ciência, das lembranças do passado e da memória. Suscita respeito, uma vez em que, com um pé no mundo dos mortos, seu papel é também o de “intercessor entre a terra e o além, confere-lhe, também, poderes temíveis” (BEAUVOIR, 1990, p. 56). A definição de seu estatuto é interferida de forma substancial por estes fatores. Além disso, a autora desta que a velhice está inscrita em cada sujeito e, para tanto, cabe assumir, de forma consciente e plena – em todas as fases da vida – que todos serão velhos.

A partir da análise de Beauvoir (1990) no livro *A velhice*, Mirian Goldenberg (2015) segue o caminho para a construção de uma “bela velhice”, cuja principal característica é ter um projeto de vida. Goldenberg, em sua obra *A bela velhice*, destaca o lugar que “belos velhos” inventaram no mundo, reinventando-se permanentemente. Estes velhos são aqueles que “continuam cantando, dançando, criando, amando, brincando, trabalhando, transgredindo tabus, etc.” (2015, p. 12).

Estes “belos velhos” não se aposentaram de si mesmos, já que recusaram as regras que os obrigariam a se comportar como velhos. Não se tornaram invisíveis, apagados, infelizes, doentes, deprimidos. Rejeitaram estereótipos e criaram novas possibilidades e significados para o envelhecimento. Em sua pesquisa, Goldenberg (2015) destacou que mulheres idosas passam a apontar os aspectos positivos do envelhecimento, destacando o valor da liberdade tardiamente conquistada: deixam de existir para os outros e passam a existir para si, respeitando suas vontades, priorizando tempo para si mesmas. O ato de dizer “não”, para elas, representa a recusa em assumir os papéis impostos pela sociedade.

Ao longo do tempo, percebemos que as mulheres idosas da oficina de saúde mental foram, e vão, fortalecendo esta “bela velhice” dentro de si mesmas. A partir de reflexões, do olhar para si, das trocas de experiências umas com as outras e do fortalecimento de sua história a partir da validação de suas próprias narrativas, constitui-se um processo significativo para criação de seus próprios projetos de vida: tudo aquilo que lhes confere sentido e liberdade.

Esse olhar implicado histórica, social e culturalmente, porém, requer uma razão sensível que constrói o conhecimento a partir dos sujeitos que ali se relacionam e que se ressignificam uns com os outros, uma vez que, segundo Levinas (apud BIESTA, 2013, p. 76), “nosso estar-no-mundo primordial é um estar-no-mundo-com outros” e a relação entre o eu e o outro se ancora na ética da infinita responsabilidade, enlaçando-se a partir do viver-com, do crescer-com.

Nesse sentido, movimentar-se para além da racionalidade instrumental e da lógica unidirecional significa imergir na sensibilidade da vitalidade que pulsa no grupo de mulheres idosas, respeitando seu lugar social. Inaugura-se, aí, a incerteza, o imprevisível, a desordem e o não-racional, que é da vida cotidiana, que emerge dela e dos sujeitos que a sentem, vivem. Michel Maffesoli contribui nessa perspectiva ao ressaltar que, em detrimento de “pegar” as coisas e

as pessoas através de conceitos, “talvez valha mais a pena acompanhar a energia interna que está em ação em tal propensão” (1998, p. 19).

É aí que pulsa a sensibilidade da extensão universitária, consolidando-se como potência pedagógica que se reconhece através de aprendizagens imbuídas de sentidos e significados aos sujeitos e à sociedade (DALMOLIN; VIEIRA; SILVA, 2017). A legitimidade do lugar de fala permite o exercício da própria capacidade de pensar, em um caminho do incerto, do imaginário e da autonomia, culminando em um saber raro. Raro, pois integra em si “verdades múltiplas sob os arabescos das metáforas; um saber que deixa a cada um o cuidado de desvelar, isto é, de compreender por si mesmo e para si mesmo o que convém descobrir; um saber, de certa forma, iniciático” (MAFFESOLI, 1998, p. 21).

Maffesoli (1998), através de uma razão que se coloca a aprender com o caos do cotidiano e da vida que pulsa, sente e sofre, reconhece o sensível como parte integrante da subjetividade humana. No paradigma da razão sensível, a paixão, o sentimento, a emoção e o afeto (re) exercem um papel privilegiado. O autor inaugura uma sociologia que revela-se pela carícia, empenhando-se em fazer sobressair a riqueza, o dinamismo e a vitalidade da realidade dos sujeitos em seus territórios.

No entanto, até que ponto a sensibilidade e o afeto entram em pauta no contexto universitário? Até que ponto o sensível, ao ser demasiadamente desconsiderado pela instrumentalidade de métodos científicos objetivos, consegue revelar uma experiência estética do – e com – o mundo, uma vez em que os sentidos são a principal via de acesso ao mundo? Maffesoli (1998) convida a buscar uma realidade efetiva e plena através da crítica ao saber linear e ornamentado da modernidade, aliando a experiência estética ao conhecimento, colocando-se ao lado dos sujeitos que se expressam a partir do comum.

Com tal perspectiva, abre-se espaço para que o pensamento crítico e dialético encontre na afetividade um lugar de acolhida dos sujeitos. Barros (2009) refere que a educação, em seu contexto formal, informal e não-formal, deve compreender a vida com base na amorosidade, sendo desenvolvida em um espaço no qual as pessoas são convidadas a conviver numa dinâmica de construção coletiva e integração com o diferente. Afirma que ser profundamente humano nas relações ocorre somente através de um caminho de solidariedade e de escuta, no qual deve ser possível interagir com a diversidade de opiniões, respeitando-as.

O autor enfatiza que a educação deve trilhar um caminho de diálogo desenvolvido a partir da diversidade advinda das culturas populares, sendo necessário desenvolver a capacidade de escutar o outro e de resgatar o direito da emoção e da afetividade, uma vez que “as emoções guiam o fluir do comportamento humano e lhe dão o seu caráter de ação” (MATURANA apud BARROS, 2009, p. 11). O propriamente humano se dá, assim, no entrelaçamento do emocional com o racional, sendo necessário resgatar e priorizar o diálogo entre emoções e razão.

O objetivo aqui é, portanto, evidenciar o rompimento da hegemonia acadêmica através do ato de colocar-se junto às mulheres idosas, na escuta, no afeto, no cuidado, na construção de processos que, fundamentados em uma razão sensível, fazem sentido a quem participa e promovem um olhar afetivo umas para com as outras. Valida-se e legitima-se, assim, as narrativas que constituem a própria vida, privilegiando a emancipação, a participação e a transformação de si nas relações.

Para tanto, falamos de uma extensão enraizada em princípios dialógicos e reflexivos que se materializam através de uma aprendizagem em movimento que constrói novos sentidos, gerando “ressignificações que permitem transgredir, refletir, transcender o conhecimento instituído, abrindo possibilidade à coprodução em relação aos sujeitos do território no qual se insere a universidade” (HUIDOBRO et al, 2016, p. 62). O conhecimento, aqui, é compreendido

como uma ação: ato de conhecer o mundo, interligando diferentes experiências e saberes.

Brandão (1986), ao ampliar nosso olhar sobre os processos educativos, menciona que desde a família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender, e que esta educação existe de forma livre, entre as pessoas, sendo uma das maneiras de criar para tornar comum, saberes, ideias, crenças, aquilo que é comunitário, o bem, o trabalho e a vida. Com e entre estas mulheres idosas, assim, construímos processos educativos como um modo de vida, onde criamos e recriamos simbolicamente bens e poderes que coletivamente constroem novas formas de viver, compreender e se relacionar socialmente.

APRENDER UMAS COM AS OUTRAS: A ESCUTA ÀS MULHERES E SEUS SABERES

O ato de ouvir exige humildade de quem ouve. E a humildade está nisso: saber, não com a cabeça mas com o coração, que é possível que o outro veja mundos que nós não vemos. Mas isso, admitir que o outro vê coisa que nós não vemos, implica reconhecer que somos meio cegos (ALVES, 2014, p. 47).

Somos meio cegos, diz Rubem Alves (2014). Isso implica dizer que podemos não ver o outro de forma plena. Não sentimos seus tantos possíveis mundos. Isso porque o ato de escutar envolve, além de um profundo ato de silêncio e ruminação do que vem do outro, também um ato de acolhimento e de cuidado. Mas, para isso, há de se deixar de lado as opiniões.

A autora Kay Pranis (2010) fala sobre a importância de narrar histórias. Para ela, quando uma história de vida é narrada, mobiliza-se uma escuta diferente: o corpo relaxa, se acalma, fica mais aberto e menos ansioso. A história é absorvida antes de avaliar seu conteúdo, antes de acionar uma opinião. Isso acontece uma vez que há um envolvimento emocional, além do cognitivo. Essa escuta diferenciada permite que a informação seja passada integralmente, o que leva a uma maior compreensão entre as pessoas (PRANIS, 2010).

Se as informações ditas pelas pessoas forem apresentadas de forma direta ou cognitiva, o receptor imediatamente aciona um mecanismo de avaliação para decidir se concorda ou não, sem refletir sobre tal. Isso acontece uma vez que a pessoa que escuta é envolvida mental e cognitivamente, começando a pensar em possíveis respostas, em emitir opiniões, sem uma escuta genuína, sem o ato de ruminar e acolher.

Dessa forma, narrar histórias de vida permite a construção de vínculos, encontrando afinidades, conectando-se de forma mais profunda com o outro. Além disso, ao contar sua história pessoal, a pessoa se permite realizar um processo de reflexão sobre si mesma, contribuindo para compreender sua história e de como vê a si própria (PRANIS, 2010).

A fundamentação metodológica da oficina ancora-se nos princípios da educação não-formal, em que Gohn (2011) salienta que a educação propicia o desenvolvimento de potencialidades que vão desde a transmissão de informações à leitura de mundo. Ela acontece no compartilhar experiências, nos espaços e ações coletivas que partam do cotidiano das pessoas envolvidas.

Na educação não-formal, os sujeitos buscam o conhecimento e novos aprendizados que venham ao encontro de suas necessidades, o que os faz ter interesse em viver assiduamente as distintas formas de ações pelas quais se fundamentam a educação não-formal. Os sujeitos buscam através da educação não-formal novos saberes, tem a liberdade para escolher, a liberdade para pensar, desejar e decidir. Dar início a processos educativos partindo da experiência de vida de cada um contribui, assim, para um aprendizado significativo e que faça sentido,

respondendo as necessidades levantadas. O aprendizado acontece de forma coletiva, uns com os outros, em que novas experiências humanizadoras são construídas, a partir das trocas estabelecidas na coletividade (GOHN, 2011).

Baseada no critério da solidariedade e reconhecimento de interesses comuns, a educação não formal é parte do processo de construção de uma cidadania coletiva. A aprendizagem e os conhecimentos se produzem a partir da forma de ser e agir coletivamente. Ocorre, também, a busca pela valorização de si, o olhar para a vida, seus percursos e obstáculos, buscando formar sujeitos humanizados, ativos, com habilidades e competências democráticas e cidadãs.

Segundo Gonh (2006), essa educação nasce da problematização da vida, do dia a dia. Seus conteúdos são gerados por meio de temáticas que sejam prescindíveis ao grupo, que desafiem os sujeitos envolvidos, a fim de traçar caminhos metodológicos que estejam ao encontro dos fatos ocorridos no grupo, olhando para o ser humano de forma integral.

Como resultados, a educação não formal poderá desenvolver uma série de processos, tais como:

Consciência e organização de como agir em grupos coletivos; a construção e reconstrução de concepção(ões) de mundo e sobre mundo; contribuição para um sentimento de identidade com uma dada comunidade; forma o indivíduo para a vida e suas adversidades (e não apenas o capacita para entrar no mercado de trabalho); [...] dá condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de autovalorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos, o desejo de lutarem para serem reconhecidos como iguais (como seres humanos), dentro de suas diferenças (raciais, étnicas, religiosas, culturais etc.); os indivíduos adquirem conhecimentos a partir da sua própria prática, [...] aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca (GOHN, 2010, p. 21).

Desta forma, a construção metodológica dos encontros envolve um processo aberto e em construção permanente, uma vez que sempre há a possibilidade de acolher novas mulheres e de ressignificar processos e parâmetros. Facilitando o decurso para abertura à escuta e garantia da confiança no – e do – grupo, construímos “Guias de Convivência”, que consistem em elencar pontos essenciais para o bom andamento da oficina, assegurando a participação coletiva, o cumprimento do que foi proposto e principalmente a liberdade para se colocar, sem temer. O sigilo é um combinado construído coletivamente, fazendo com que todas se sintam seguras dentro do grupo para expor seus sentimentos. Algumas das principais guias foram: sigilo; respeito; alegria; entrega; rir e chorar; escutar; não julgar; empatia.

Além disso, para garantirmos o espaço de fala e igualmente o espaço de escuta, construímos os “Sinais”, correspondendo a gestos não verbais utilizados nos encontros para facilitar a comunicação, como: “pedir a palavra”, “concordar, identificar-se com as ideias do outro”, “aumentar e diminuir o tom de voz” e “pedir o silêncio”. Percebemos que o sinal de “concordar” foi, aos poucos, introduzido como um gesto de carinho e identificação, validando o lugar de cada uma, reconhecendo-se como amigas ao criarem vínculos para além dos encontros.

Percebemos, também, o amadurecimento do grupo ao respeitar o lugar de fala de cada mulher, sendo todas valorizadas. Isso ocorre por gestos como o lamento manifestado por elas pela falta que sentem de uma colega que eventualmente não comparece, ou seja: cada uma tem ali o seu “lugar-afeto”, pertencem ao grupo, são importantes. Por isso, os gestos de “pedir a palavra” e “pedir o silêncio” foram, aos poucos, sendo substituídos pelo olhar acolhedor e pelo leve aceno com a cabeça, sinalizando o término da fala de uma e a abertura para a fala da outra, em um mútuo reconhecimento. Além disso, ao introduzirmos as atividades de cada encontro, priorizamos para que sempre haja a oportunidade de todas falarem.

Nossa metodologia também envolve a organização do espaço em um círculo, priorizando o sentar em roda, princípio fundamental para olhar nos olhos e, assim, favorecer o reconhecimento. Além disso, a circularidade permite que todas estejam na horizontalidade e que todas sejam iguais, possibilitando a compreensão que o seu lugar de fala é tão importante como o lugar de fala de qualquer integrante do grupo, inclusive das facilitadoras.

Além disso, a cada encontro, construímos um “centro” ao meio da roda, que consiste em um tapete de crochê redondo que contém os materiais a serem utilizados na oficina, além de livros, flores e folhas verdes colhidas no jardim do campus e da casa das mulheres. O “centro” busca representar um lugar acolhedor, o contato com a vida e com a natureza, a fim de fazer com que cada uma se sinta à vontade e em harmonia. O crochê simboliza o ato de tecer, através das mãos e de si mesmas, a própria narrativa da vida. Além dos livros – compartilhados por elas – chama-nos a atenção as flores e folhas verdes. Muitas mulheres relatam o cuidado que têm com suas plantas, em suas casas e em seus apartamentos.

Durante as atividades, as mulheres trocam informações sobre as diferentes maneiras de cuidar e cultivar seus jardins. Em um dos encontros, uma delas levou para compartilhar com o grupo uma pequena planta feita de forma singela, sustentável e ecológica, com rolha de cortiça, elucidando, a partir desse pequeno gesto, o cuidado com a vida. Percebemos este cuidado também no gesto de outra participante, que, ao cuidar de sua goiabeira, traduzia a entrega e dedicação para com a vida e com as outras através de atos como recolher as folhas que caíam da árvore, colher as goiabas com seu esposo e fazer goiabada, compartilhar seus frutos com vizinhos e amigos e o gesto de carinho ao trazer como presente um pequeno pote de goiabada para nós, facilitadoras da oficina.

O valor simbólico presente nestes pequenos gestos de cuidado demonstram a sensibilidade de todas as mulheres, que, de uma forma ou de outra, expressam o cuidado com a vida em suas “miudezas”: desde o “bom dia” dado de forma gratuita para o trabalhador que passa em frente a suas casas até o enfrentamento dos medos que a rua traz para chegar à oficina, uma vez em que uma das participantes foi assaltada no percurso rumo à oficina. Aos poucos, a participante foi lidando com seus medos e conseguindo, novamente, andar pelas ruas da cidade. Essas atitudes reforçam a coragem de lutar pela vida, expressando a força e o desejo de buscar o cuidado de si e do outro.

Independente da temática abordada, as mulheres estão sempre fazendo o exercício de resgatarem as memórias que marcaram suas vidas e aquilo que as constitui, como: memórias da infância, subindo em uma árvore para se esconder da mãe, seus esconderijos secretos embaixo da cama; as dificuldades e os enfrentamentos na criação dos filhos; a trajetória de vida marcada pela rigidez que não as permitiam ser livres; o conservadorismo familiar, marcado principalmente pela relação de poder dos maridos em relação a elas e, com isso, a dificuldade de dizer não; o enfrentamento das dificuldades impostas pelo contexto social e o lugar ocupado pelo idoso na sociedade contemporânea.

Observamos que, ao serem contadas, suas histórias reforçam no grupo sentimentos como a empatia e o cuidado. Elas buscam alternativas ou sugestões às dificuldades trazidas pelas colegas, enfatizando a capacidade de se colocarem no lugar das outras e, ao mesmo tempo, a

busca pela resolução das dificuldades e o apoio mútuo. Percebemos que a pluralidade de perspectivas sobre os temas abordados e as histórias trazidas por elas promovem o crescimento do grupo.

Como exemplo, citamos o relato de uma participante ao referir sobre o sentimento de “obrigação” que carregava ao cuidar dos netos, constituído pelo legado familiar que predetermina essa responsabilidade às avós. Porém, a carga emocional presente no relato fazia com que esse cuidado se tornasse uma sobrecarga. Assim, ao falar ao grupo, uma colega entrevistou dizendo que ela poderia transformar a “obrigação” em “gratidão”, abrindo possibilidades para olhar a situação de forma mais leve e sem culpa, transformando este momento em algo prazeroso.

Aqui, desconstruímos a ideia de que demonstrar o sofrimento pode estar associado a uma fraqueza que devemos esconder – principalmente ao relacionarmos a construção social do sofrimento na contemporaneidade, que o encobre e reforça a ideia da plena felicidade. Na oficina, reforçamos o “permitir-se”: permitir-se sentir, sofrer, chorar, ter raiva. Estes sentimentos fazem parte da vida e precisam ser reconhecidos para que, assim, novos significados possam acontecer. Ao expressarem estes sentimentos, as participantes podem internamente libertarem-se deles.

Uma delas relatou um problema familiar em um dos encontros, trazendo as dificuldades em relacionar-se com seus parentes, a dor e a não aceitação da situação. Ao relatar ao grupo, no entanto, pôde refletir sobre o seu lugar, aliviando a culpa por assumir a total responsabilidade pela dificuldade enfrentada, ressignificando seus sentimentos.

Percebemos que muitas participantes se identificam com o exemplo, uma vez que carregam consigo uma carga de responsabilidade pelo bem-estar da família. Sentem-se com o compromisso de fazer movimentos para que as adversidades sejam resolvidas da melhor forma possível, sem trazer à tona as dificuldades presentes no cotidiano, abrindo mão de seus sentimentos pelos outros: “vai ficar tudo bem, vai dar tudo certo”, “a gente sempre dá um jeitinho” são frases que aparecem com frequência na oficina.

No entanto, ao permitirem-se falar sobre estas situações e desconstruir o seu lugar de mediação na família, podem ressignificar seu papel e empoderar-se. Ao respeitar a si, podem também expressar o que lhes traz incômodo, sofrimento e também prazer e alegrias, cada uma em seu tempo, em seu próprio processo, aprendendo com as histórias das outras. Compreendemos que as participantes são fortes, persistentes e suas histórias de vida consolidam, fortalecem e trazem identidade à oficina. Ao olharmos para essas realidades, vemos nelas seu potencial, suas diferenças e suas riquezas.

PERMITIR-SE SER, SENTIR E FALAR: O PERTENCIMENTO COMO POTENCIAL TRANSFORMADOR

Esta oficina foi muito importante pra mim, ela me fez refletir a minha vida, atitudes que eu tinha, que agia de modo errôneo e com a reflexão de cada uma, ou de algumas, naquele dia, sobre aquele tema, me fez ver que eu poderia mudar e que as coisas poderiam ser diferentes e eu me sentir melhor. Me sentir menos culpada, menos azarada, menos desanimada, ser mais autêntica no sentido de: “eu gosto disso, porque não fazer? Eu vou fazer então, vou experimentar, vou assistir, vou sair, vou passear, vou conversar”. Então pra mim foi algo muito importante. E aquilo que era certo, que eu estava agindo de maneira correta, foi muito bom também, porque reafirmou atitudes que eram duvidosas, que eu pensava “ah, será que tá bem certo, será que poderia ser diferente?”. Fez eu me sentir melhor, mais autoconfiante, com a autoestima melhor (Fala de participante).

Uma das participantes trouxe este relato ao grupo após avaliarmos a oficina junto a elas, em um encontro de fechamento do ano. Percebemos, portanto, a força do grupo e do potencial transformador que existe no ato de permitir-se ser, sentir e falar. Trazemos aqui a história de sete participantes dentre as dezesseis que atualmente fazem parte da oficina, a fim de fundamentar o fazer da coletividade a partir de nosso olhar durante os encontros e as mudanças percebidas ao longo do processo. Salientamos que as identidades foram preservadas e optamos por utilizar nomes-adjetivos.

Serena é uma mulher tranquila, reflete para o grupo serenidade para lidar com as diversas situações que vão acontecendo. Ela é casada, mãe de três filhos homens e suas narrativas expressam os cuidados que tem com sua casa, com seu jardim e com a natureza, transparecendo essa forma de ser em seu modo de agir. Fala sobre os desafios que enfrenta nessa nova etapa de sua vida, a adaptação à modernidade, à tecnologia. Na oficina, as colegas referem que sua presença traz leveza, paz e gratidão.

Espoleta é uma mulher dinâmica, que se envolve com muitas atividades relacionadas a trabalhos voluntários em sua comunidade. Participa do Diretório Acadêmico do Creati, de ações na escola onde trabalhava, buscando sempre que possível, conciliar a “imensidão de desejos” e afazeres que fazem parte de sua vida, tentando ao máximo dar conta de tudo. Tem três filhos que residem em outras cidades, o que a faz sofrer pela ausência e pela impossibilidade de cuidar. Hoje mora com seu esposo, que, segundo Espoleta, aparenta ser tranquilo e reservado. Enquanto ele fica mais em casa, ela fica mais na rua, dando conta de seus diversos afazeres. Percebemos que Espoleta aprendeu muito com as colegas, colocando suas indecisões, inseguranças e dúvidas, desconstruindo para construir.

Batalhadora é uma mulher forte, determinada. Após o falecimento de sua mãe, relatou ter “entrado em depressão”, permanecendo mais em casa, sem ter forças para superar o sofrimento, mesmo em tratamento. Relatava que seu esposo a acompanhava até o Creati, demonstrando a dificuldade que sentia em sair de casa. Nos primeiros encontros, pouco a ouvíamos. Porém, seus relatos referem que a escuta foi, aos poucos, lhe fortalecendo. Batalhadora começou a se expressar, trazendo para o grupo suas dores, seus medos e dificuldades. Hoje, ela vem para o Creati sem a companhia do esposo e também participa da oficina de Danças, mencionando o prazer e a satisfação pela atividade. Percebemos que sua história mobiliza as colegas pela real possibilidade em acreditar na ressignificação da dor e do sofrimento. Para além do tratamento médico, Batalhadora demonstra que mudanças são possíveis através do cuidado e da humanização das relações.

Persistente é uma mulher ligada, sempre correndo. Adora jogar cartas, passear, viajar, bailes e agito. Está sempre caminhando pela vizinhança, já sendo conhecida por todos. O que ela não gosta é, conforme sua fala nas oficinas, de “ficar parada por nada nesse mundo”. Olhando no relógio, preocupa-se com a pontualidade do término da oficina, demonstrando ansiedades que a mobilizam. Persistente seguidamente expressa seu desconforto com esse jeito de ser e os desafios que enfrenta diariamente. Percebemos sua permanência na oficina como uma conquista, já que é desafiada a respeitar o tempo do grupo, aprendendo com ele.

Durante a oficina, Persistente relembra com saudades dos tempos em que a família se reunia nas festas de domingo, das crianças pequenas. Sente dor ao perceber que hoje tudo é diferente, que os filhos cresceram, seguiram seus caminhos. Percebemos que o grupo cuida de Persistente com carinho ao respeitar o seu tempo, como quando as colegas decidiram não assistir a um filme, atividade proposta para o dia, devido a ela mencionar que não permaneceria no encontro, pois não conseguiria ficar parada. As colegas então sugeriram realizarmos outra

atividade para acolher Persistente, demonstrando a importância dela para o grupo.

Autêntica é decidida, determinada. Reconhece-se como mãe, avó, amiga, vizinha, comerciante. A cada dia, seus relatos demonstram constantemente uma vida repleta de dilemas, desafios em todos os espaços: com os filhos, com os clientes e com todos que a cercam, buscando ser justa. Refere ter personalidade forte, trazendo para o grupo contrapontos e diferentes perspectivas, com “muita força para ousar de todas as formas”, como assim relata. Autêntica, assim, contribui com o grupo ao “colocar pra fora” tudo que não precisa ser guardado e carregado, fazendo diminuir as dores e preocupações da vida. Sua presença na oficina traz muita reflexão e inquietude para as demais, fazendo com que novas construções e desconstruções de paradigmas sejam feitos por todas.

Forte é uma mulher repleta de superações. Ao se deparar com a aposentadoria e o encerramento de um ciclo de trabalho, o sofrimento e o medo de não se sentir mais útil e importante fizeram parte dessa etapa de sua vida. Além disso, Forte relata sobre a cobrança e as diversas pressões que a sociedade faz em relação ao aposentado, resultando em um processo de sofrimento, de doença e de reclusão, permanecendo em casa durante aproximadamente um ano, sendo esta a expressão do sofrimento que a ruptura lhe causou. Ao conhecer o Creati e a oficina, pôde se sentir livre para relatar sobre a separação conjugal e os desafios da criação de seus cinco filhos. Seu exemplo trouxe às colegas incentivo e motivação para continuar a superar novos desafios.

Doçura se reconhece como uma grande mãe, avó e esposa. Nos encontros, rememora a rigidez e disciplina que perpassou sua criação. Instituiu para si o cuidado pelo outro, muitas vezes, esquecendo de si mesma, dos seus desejos, seus sonhos, suas alegrias. Percebemos, porém, que Doçura conseguiu construir para si espaços de acolhimento. Ao referir sobre o Creati, ela menciona: “eu só saio daqui se me tirarem, o Creati é a minha casa”, sendo aluna há quase vinte e cinco anos. Assim, a oficina, o convívio e o apoio das demais mulheres, fez com que Doçura se tornasse forte. Forte para se defender, se permitir, se respeitar e com isso, relata uma significativa melhora nas relações familiares e conjugal. Dizia que antes da oficina ela não falava, só obedecia ao marido. Hoje, Doçura questiona, consegue se colocar e se fazer escutada, sendo este um grande exemplo de empoderamento. Percebemos que descobrir suas forças e potências fez com que se libertasse de muitas amarras que a faziam infeliz.

A partir de suas histórias, vemos a força do grupo, de reinterpretar as relações respeitando as diferenças, principalmente por estas mulheres terem sido criadas em um contexto de vida restrito e, em partes, opressor, tal como referido por Beauvoir (1967): sem a liberdade de se colocar, de opinar e validar seus desejos e sonhos. Com o apoio das colegas de oficina, para tanto, tem-se a oportunidade de revisitar histórias, compreendendo os porquês da época e ao mesmo tempo se reinventando para o hoje e para si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM OLHAR SOBRE O “CONSTRUIR-COM”

Para mim, fazer parte da oficina proporciona a melhoria da qualidade de vida nessa fase nova que se inicia. A troca de experiências vivenciadas me fortalece na busca de novas perspectivas, de equilíbrio interno e postura positiva sobre o futuro. O crescimento pessoal vivenciado em cada atividade desenvolvida nos traz sentimentos de alegria, gratidão, amizade e muita afetividade (Fala de participante).

O relato citado acima é de outra participante da oficina, cuja fala reflete um sentimento grupal. Dessa forma, as mulheres, sentindo-se com um lugar de pertença, têm a oportunidade

de contestar e romper os conceitos arraigados na cultura patriarcal que vê a mulher como submissa ao homem. Ali, elas possuem a liberdade de ressignificar pensamentos e modos de viver a vida, de se relacionar socialmente. Ao se depararem no coletivo com visões divergentes, estes conflitos cognitivos produzem positivamente a possibilidade de reinterpretar e aliviar seus problemas, sofrimentos, dificuldades, ao mesmo tempo em que se libertam para o novo.

O processo avaliativo da oficina juntamente com as participantes é aberto e dialógico, onde cada participante tem a oportunidade de se expressar e colocar os pontos positivos, negativos e sugestões para melhorias na oficina. Sobre os pontos positivos, elas destacam: o acolhimento, o respeito, partilha, presença, troca de experiência, afeto, companheirismo, ser ouvida, abertura para falar, técnicas para todos falarem, sinais e gestos, organização, dinamismo, criatividade, desabafo, permitir-se, compartilhar, confraternização, abraço.

Sobre os pontos negativos, referem: ausência/falta das colegas, oficina ser quinzenal, a resistência das pessoas que não conhecem a oficina em falar de si e de seus sentimentos, poucas pessoas conhecerem a oficina. Como sugestões, ressaltam: atividades fora da sala, filmes, atividades lúdicas, movimento, dinamismo, textos, livros, trabalhar temas como: autoestima, como viver bem na velhice e perdas. Portanto, percebemos o processo contínuo de construção coletiva, que vai se moldando a partir das falas, das escutas e dos afetos.

Carlos Brandão (1986) salienta que o homem, quando transforma através do trabalho e de sua consciência as partes da natureza em invenções de sua cultura, aprende com o tempo a transformar as partes das trocas feitas no interior da cultura em situações sociais de aprender-ensinar-e-aprender: em educação. Na espécie humana, assim, a educação não continua apenas pelo trabalho da vida, uma vez em que se instala dentro de um domínio propriamente humano de trocas, de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações de poder. Mas, a seu modo, continua no homem o trabalho da natureza de fazê-lo evoluir, de torna-lo mais humano.

A oficina é um processo educativo evolutivo. Essa evolução de conceitos, de saberes e de trocas humaniza e sensibiliza a forma de conduzir e compreender as diferentes relações que permeiam a vida, as mulheres e o fazer em coletividade. Vemos a humanização, a sensibilidade, o cuidado, o afeto constituído através da intencionalidade pedagógica imbuída em nossa ação.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Planeta, 2014.

BARROS, M. **O amor fecunda o universo: ecologia e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

BEAUVOIR, S. **A velhice: o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições de vida dos idosos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo II: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BIESTA, G. **Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados pais e educadores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 1, jan./jun., 2007.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DALMOLIN, B. M.; SILVA, M. T.; VIEIRA, A. J. H. Bases pedagógicas para pensar a curricularização da extensão. *In*: SANTOS, Pedro Floriano dos; RIFFEL, Cristiane Maria (org.). **Extensão universitária: perspectivas de aprendizagem e sentidos na educação superior**. Itajaí: Univali, 2017. p. 15-36.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GOHN, M. G. M. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2006.

GOLDENBERG, M. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

HUIDOBRO, R. A. *et al.* **Universidade, território e transformação social: reflexões e torno dos processos de aprendizagem em movimento**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo; Buenos Aires: Ed. Universidad Nacional de Avellaneda, 2016.

MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PRANIS, K. **Processos circulares: teoria e prática**. São Paulo: Palas Athena, 2010.

SANTOS, B. S. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Data de recebimento: 20 de setembro de 2019.

Data de aceite para publicação: 12 de novembro de 2019.